

O excesso de dióxido de carbono é determinante na crise ambiental. Durante o ano de 2007, Grécia e Portugal sofreram queimadas de áreas naturais de dimensões inéditas. O número de focos de queimadas no Brasil foi maior que em anos anteriores. A Califórnia teve suas áreas naturais queimadas em outubro, com grande prejuízo econômico. Um após outro, furacões têm causado devastação na América Central. Enquanto isso, o consumo de petróleo continua muito alto. Outras fontes de dióxido de carbono estão na grande expansão econômica da China, quase inteiramente movida a carvão, e na euforia econômica da classe média indiana (enquanto a classe pobre continua sem ter o que comer no país de Gandhi).

Estes e outros eventos do mundo físico não são fatos isolados. A rápida queda dos níveis éticos no comportamento dos seres humanos é algo que ocorre em paralelo à crise do ambiente natural. A relação direta entre falta de ética de uma civilização e a sua decadência e crise final está demonstrado à exaustão em obras como “A Doutrina Secreta”, de H. P. Blavatsky, “Wen-tzu”, de Lao Tzu (*veja texto nesta edição*) e em vários livros da Bíblia cristã. A ligação direta entre ética humana e os processos ecológicos e geológicos mostra que GAIA é um só processo, simultaneamente espiritual, humano, animal, vegetal e geológico. Estes vários níveis de realidade parecem seguir um mesmo padrão vibratório em que tudo se relaciona. Assim, os períodos de decadência apenas preparam um novo ciclo de renovação e renascimento. Os planos geológico, ecológico, vital, emocional, mental e espiritual são diversos aspectos de um mesmo e único processo indivisível.

Uma mudança já parece inevitável, como escreveu James Lovelock em seu livro “The Revenge of Gaia” (2006). Mas Lovelock não aborda a relação entre o estado de espírito humano e o ecossistema planetário. Isto fica para o ponto de vista teosófico. Os níveis de ansiedade e irresponsabilidade ética que vemos por toda parte ao nosso redor parecem aumentar a cada mês que passa, junto com as notícias de mudança geológica/ecológica. Quem ainda é capaz de dizer que não estamos vivendo uma marcada decadência ética, social e ambiental? Quem teria a coragem de dizer que a velocidade da decadência não é crescente?

Os vários tipos de maus-tratos a crianças tornam-se epidemia e são um entre muitos sintomas do comportamento auto-destrutivo de uma civilização. Tudo o que uma civilização deve fazer, para providenciar sua própria destruição, é contaminar os recursos naturais, destruir florestas, poluir as águas, promover guerras em que se mata a população indefesa, fazer do aborto uma prática frequente e destruir crianças de todas as formas possíveis. Uma grande parte da população mundial está seguindo essa receita. Outra parte da população prepara-se para uma transição que parece inevitável.

Um bom exercício para estudantes de filosofia esotérica consiste em observar com o máximo de isenção e objetividade a atual situação humana, tentando identificar sinais de PERDA DE LUCIDEZ E BOM SENSO, paralelamente à quebra dos parâmetros ambientais e climáticos. Esse exercício permite ficar de fora da tendência decadente, e engajar-se mais integralmente em projetos solidários e construtivos. Tais projetos requerem coragem para aceitar a verdade e uma firme determinação de agir construtivamente, com paciência, de modo durável, evitando ilusões e hipocrisia.

[Leia mais sobre a crise ambiental planetária e a transição para o novo ciclo nesta edição, e na Seção Meio Ambiente do website www.filosofiaesoterica.com .]

Busca da Verdade ou Crença em Instituições? Movimento Esotérico Não é uma Igreja

Para que se possa entender a caminhada do autoconhecimento espiritual, há uma questão que é fundamental e inevitável. A questão consiste em saber se, para trilhar o caminho, devemos **acreditar** em algo ou se é melhor usar o discernimento para **perceber diretamente** a verdade. O estudante deve acreditar nesta ou naquela instituição “espiritual”, ou é melhor que ele tenha fé na sua busca autônoma do conhecimento sagrado?

Buddha escreveu que não devemos acreditar em algo porque está escrito nas Escrituras sagradas, ou porque nosso guru o afirma; devemos acreditar apenas naquilo que passa por nossa própria percepção. O Jesus do Novo Testamento não criou qualquer igreja, ritual ou instituição, mas questionou toda a religiosidade estabelecida em seu tempo e por isso foi perseguido. Os teosofistas de Alexandria, como Amônio Sacas e Plotino, seguiram o mesmo caminho não-burocrático da percepção própria. Este também foi o exemplo dado por Giordano Bruno, Alessandro Cagliostro, Helena Blavatsky, William Q. Judge e muitos outros.

Se definirmos o movimento esotérico como um âmbito em que as pessoas estão unidas por uma crença comum, então será desleal e anti-fraterno questionar os ensinamentos, mesmo que tais “ensinamentos” sejam obviamente falsos. Será desleal, também, falar de erros cometidos pelo movimento. Mas se seguirmos a proposta pedagógica dos Mahatmas e de H. P. Blavatsky, Damodar Mavalankar e outros, então veremos que perceber e discutir nossos erros é da maior importância em nosso aprendizado, e é absolutamente leal à filosofia teosófica e aos objetivos do movimento teosófico. Do ponto de vista da proposta original do movimento, ocultar os erros, mistificar o ensinamento, propor a idéia da lealdade a esta ou aquela instituição, e adotar rituais que estimulam a obediência cega – isto, sim, é desleal. O movimento teosófico foi criado como um âmbito voltado para livre-pensadores e não como uma pequena seita uniforme de pessoas obedientes, que esperam que lhes digam o que devem pensar e dizer.

A Advertência Sobre o Papado Esotérico

Annie Besant Fez Todos os Erros Contra Os Quais Foi Advertida Pela Carta de 1900

[O texto a seguir traz elementos para uma discussão geral sobre como ocorre a verdadeira aprendizagem espiritual, e por isso é útil mesmo além do chamado movimento teosófico. Os erros e lições que ele aborda são, essencialmente, universais.]

A Carta de 1900 – a última carta recebida de um Mestre dos Himalaias – pode inspirar mais de um debate. Teosofistas experientes alegam: “Em 1900, Annie Besant, que dirigia a Escola Esotérica da Sociedade Teosófica de Adyar, já se havia afastado da teosofia autêntica. De que modo, então, ela poderia receber uma Carta de um Mestre?”

A situação é complexa. Examinando os fatos que estão ao nosso alcance, vemos que a Carta de 1900 contém advertências muito claras sobre os erros futuros que Annie Besant deveria evitar, especialmente como “chefe externa” da escola esotérica. Podemos ver, agora, que Besant não evitou tais erros, mas, ao contrário, ela os cometeu todos. A carta de 1900 não só foi profética, mas a sua mensagem ainda hoje está por ser devidamente compreendida e aceita pelo movimento teosófico em seu conjunto. O texto parece ter sido escrito por alguém que podia prever o futuro do movimento e que sabia que Annie Besant não seguiria os conselhos dados. Tudo indica, pois, que houve outras razões para que um último aviso fosse dado, naquela forma e naquele momento.

O caráter profético da Carta de 1900 fica especialmente claro nos trechos mais decisivos do documento. Eles foram cuidadosamente deixados de fora por C. Jinarajadasa na sua edição de “Cartas dos Mestres de Sabedoria”. Por algum motivo, no entanto, Jinarajadasa não destruiu o documento, e o seu texto integral foi recuperado e publicado em 1987 por Emmet Small, um teosofista independente.

O texto integral da Carta discute e descreve como ocorre a aprendizagem espiritual, e tem grande valor para todo o movimento esotérico. Suas idéias são coerentes com a perspectiva geral seguida pelos estudantes de HPB e dos Mestres, e pela Loja Unida de Teosofistas, LUT. Em termos práticos, como se sabe, Annie Besant e seus seguidores fizeram exatamente o oposto do que a carta sugere. “Como é possível tamanho absurdo? Por que os Mestres permitiram isso?” perguntam-se alguns estudantes. A explicação está no fato de que os Mestres respeitam a autonomia de todos. Eles jamais impõem a sua vontade a alguém. Cada aprendiz deve saber avançar por mérito próprio, ou perderá o rumo e será arrastado por suas próprias ilusões. São apenas os adversários dos Mestres e da Verdade que usam métodos autoritários e mentem em nome de nobres ideais espirituais.

A seguir, uma comparação, trecho por trecho, da versão integral da Carta de 1900 com as ações de Annie Besant e seus seguidores.[1] Cada trecho da Carta está em negrito. As palavras omitidas por Jinarajadasa estão, além disso, sublinhadas.

1) “Um sensitivo e praticante de *pranayama* que se deixou confundir pelas fantasias dos membros. A S.T. e seus membros estão lentamente fabricando um credo. A S.T. e seus membros estão lentamente fabricando um credo. Diz um provérbio tibetano, “credulidade gera credulidade e termina em hipocrisia”. Muito poucos são aqueles que podem saber qualquer coisa a nosso respeito. Deveríamos ser venerados e idolatrados? A adoração de uma nova Trindade, constituída pelo abençoado M., por Upasika e por você mesma, irá substituir as crenças denunciadas? Nós não pedimos que haja uma adoração de nós mesmos.”

O texto do Mestre não poderia ser mais claro ou mais enfático. Apesar disso, desde 1900, a Sociedade Teosófica de Adyar foi transformada em uma seita semi-cristã, com uma maçonaria própria, uma igreja católica com seus bispos e sacerdotes, e mesmo um novo Cristo. As religiões dogmáticas deixaram de ser criticadas. A liberdade de pensamento foi mantida como uma fachada para atrair o público. Os Mestres foram transformados em meros objetos de adoração emocional.

2) “O discípulo não deve ser acorrentado de modo algum. Tenha cuidado para evitar um Papado Teosófico.”

Annie Besant fez exatamente o que o autor da carta disse que ela **não** deveria fazer. Ela criou a ilusão de que os líderes da Sociedade Teosófica de Adyar eram clarividentes, de que podiam consultar os Mestres a qualquer momento, e de que, deste modo, podiam evitar quaisquer erros. Como se sabe, os Papas são considerados infalíveis pelos seus seguidores. O “resultado lógico” de tal infalibilidade papal era que todos deveriam obedecer Annie Besant. Assim surgiu um “papado esotérico” com sua “sucessão apostólica”, que se mantém até hoje, embora de modo cada vez mais precário.

3) “O intenso desejo de alguns de ver *Upasika* reencarnada imediatamente criou uma ideiação *Mayávida* deturpadora. *Upasika* tem trabalho útil a fazer nos planos superiores e não pode retornar tão breve. A S.T. deve ser conduzida com segurança ao novo século.”

Naquele momento, Annie Besant havia começado a criar uma expectativa coletiva de que H.P. Blavatsky, que morrera em 1891, estava voltando como a filha pequena do sr. G. N. Chakravarti. Na verdade, aquele foi o ponto de partida para o “mito pseudo-teosófico da criança divina”.

A Carta de 1900 garantiu alguma paz à alma de HPB em seu processo pós morte. O falatório sobre a sua “volta imediata” foi abandonado. Mas o mito neocristão e pseudo-teosófico da “criança divina” logo ressurgiria com a apresentação do garoto Jiddu Krishnamurti como o “futuro Cristo”.

4) “Você tem estado há algum tempo sob influências ilusórias.”

Parece haver aqui uma referência às influências que levaram Annie Besant a perseguir William Q. Judge em 1894-95, e que fizeram com que ela aderisse ao grupo mediúnic do “círculo interno” do sr. Alfred Sinnett, conhecido por promover falsos contatos com os Mestres. As mesmas influências a faziam seguir a liderança do sr. G. N. Chacravarti. Crédula, vaidosa, fácil de manipular, Besant libertou-se de Chacravarti apenas para cair nas mãos de Leadbeater.

5) “Evite o orgulho, a vaidade e a busca de poder.”

Nos anos seguintes, Annie Besant concentrou em suas mãos todo poder da ST de Adyar. Ela era a presidente da ST, a Chefe Externa da Escola Esotérica, a líder da instituição maçônica controlada pela ST, responsável pelo rito egípcio criado pela ST de Adyar, e assim sucessivamente. Apesar das aparências, ela dependia da “clarividência” de C.W. Leadbeater para tomar qualquer decisão real.

6) Não seja levada pelas emoções, mas aprenda a manter-se de pé sozinha. Seja exata e crítica, ao invés de crédula. Os erros do passado nas velhas religiões não devem ser encobertos com explicações imaginárias. A E.E.T. deve ser reformada de modo que seja tão não-sectária e livre de credos quanto a S.T. As regras devem ser poucas e simples e aceitáveis para todos.

Também neste ponto, ocorreu o oposto do que foi aconselhado. A S.T. de Adyar é que foi reformada para que pudesse ser tão verticalmente obediente quanto a escola esotérica de Besant.

Annie Besant não aprendeu a manter-se de pé sozinha e usou a adoração emocional como mecanismo de poder.

Com a frase sobre os erros das velhas religiões, a Carta claramente retoma a idéia da carta de Prayag, uma mensagem recebida dos Mestres através de HPB, e que hoje constitui a carta número 30 de “Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett” (Ed. Teosófica, Brasília). É assim destacada a necessidade de discutir os erros das religiões dogmáticas, causas de guerras e intolerância. Isso, porém, ainda não foi feito pela ST de Adyar desde 1900.

7) “Ninguém tem o direito de reivindicar autoridade sobre um estudante ou sobre sua consciência. Não lhe pergunte em quê ele acredita. Todos os que são sinceros e de mente pura devem ser admitidos. A crista da onda do progresso intelectual deve ser influenciada e guiada para a Espiritualidade. Não se pode forçá-la a adotar crenças e adoração emocional. A essência dos pensamentos mais elevados dos membros em seu conjunto deve guiar toda a ação na S.T. e na E.E. Nunca tentamos submeter a nós próprios a vontade de outros. Em períodos favoráveis, liberamos influências elevadoras que impressionam várias pessoas de diferentes maneiras. É o aspecto coletivo de muitos destes pensamentos que pode dar o rumo correto à ação. Não temos favoritismos. A melhor maneira de corrigir o erro é um exame honesto e com a mente aberta de todos os fatos, subjetivos e objetivos.”

Neste trecho, mais uma vez, vemos a denúncia da crença e da adoração emocional, porque elas destróem a autonomia do aprendiz, a sua capacidade de pensar por si mesmo e de ter responsabilidade própria.

Estas frases também contêm um conselho essencial para as décadas e os séculos seguintes. Elas anunciam que a etapa de contato verbal e visual com os Mestres estava terminada a partir daquele momento, mas que um contato interno ainda seria possível em um plano sutil e não verbal. Na primeira parte do século 21, estas mesmas frases mostram ao estudante um caminho do meio entre dois extremos que são igualmente ilusórios. Um extremo é a idéia de que os Mestres estão completamente fora de alcance. O outro, a idéia de que eles podem ser contactados de modo verbal ou visual.

8) “O segredo enganoso tem dado o golpe mortal em numerosas organizações. O falatório acerca dos “Mestres” deve ser silenciosa mas firmemente eliminado. Que a devoção e o serviço sejam somente por aquele Supremo Espírito do qual cada um é uma parte. Nós trabalhamos anônima e silenciosamente, e a contínua referência a nós mesmos e a repetição dos nossos nomes gera uma aura confusa que atrapalha o nosso trabalho.

Também nisso Annie Besant fez exatamente o oposto. Orientada por Leadbeater, ela usou o segredo enganoso como mecanismo de poder, e fez uso dos nomes dos Mestres para concentrar o poder em suas mãos. Como uma última advertência, a carta indica o rumo correto:

9) “Você terá que deixar de lado boa parte das suas emoções e da sua credulidade, antes de tornar-se uma líder segura em meio às influências que irão começar a operar no novo ciclo. A S.T. foi concebida para ser a pedra angular das futuras religiões da humanidade. Para realizar este objetivo, aqueles que a lideram devem deixar de lado

suas frágeis predileções pelas formas e cerimônias de qualquer credo particular, e demonstrar que são verdadeiros teosofistas, tanto no pensamento interno quanto no comportamento externo.”

Ignorando a mensagem do Mestre, Besant submeteu os teosofistas a variados rituais e cerimônias, inclusive ao Rito Egípcio, a uma maçonaria leadbeateriana e às missas de uma “igreja católica teosófica”.

A referência ao “novo ciclo” no trecho acima é significativa. H. P. Blavatsky escreveu que o ano do início da era de Aquário seria 1900.[2] Assim, a Carta de 1900 encerra a fase preparatória do “Novo Ciclo”, define como será o contato com aprendizes dali em diante, e é uma última indicação do rumo correto, que pode, quem sabe, ser recuperado em algum momento do futuro. Em 1987, foi resgatado, ao menos, o texto integral da Carta. Mais tarde ela poderá ser compreendida por um número crescente de membros da ST de Adyar e teosofistas independentes.

10) “A maior das suas provações ainda está por vir. Nós estamos zelando por você, mas você deve usar toda sua força.” (Segue-se a assinatura do Mestre.)

Neste trecho final, como nos anteriores, fica claro que Annie Besant estava fora de foco. O Mestre a advertia a respeito disso. Na verdade, Besant já havia abandonado a teosofia autêntica vários anos antes, e esta carta foi escrita provavelmente por três motivos principais.

Primeiro, porque os Mestres mais de uma vez mantiveram contato com ex-discípulos, no período 1875-1900. O modo como se dá o desligamento é do interesse deles, especialmente quando este desligamento influenciará a vida de muitos outros aspirantes à sabedoria divina.

Segundo, a carta contém elementos chave para que membros da ST de Adyar pudessem compreender a situação, no futuro, e libertar-se da armadilha dogmática e ritualística que seria armada a partir daquele momento.

Finalmente, a Carta constitui um instrumento prático para evitar que o nome de H.P. Blavatsky fosse envolvido nos absurdos e nas falsificações que se seguiam. Nisso, a carta teve êxito imediato e definitivo. Este item não deve ser subestimado, porque era necessário zelar pelo sossego de H.P.B. em seu processo de pós-morte.

NOTAS:

[1] A Carta de 1900, tal como publicada por C. Jinarajadasa, pode ser vista em “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Ed. Teosófica, Brasília, 1996, 296 pp., ver pp. 106-107. O texto completo foi publicado pela primeira vez em “The Eclectic Theosophist” em setembro de 1987 pelo teosofista Emmet Small, um colega de trabalho de Boris de Zirkoff. Boris quase certamente considerava a carta autêntica. No Brasil, a Carta de 1900 foi publicada na íntegra pela primeira vez na então revista impressa da ST de Adyar, “O Teosofista”, número de abril a junho de 1989, pp. 20-21.

[2] Veja “Collected Writings of H. P. Blavatsky”, TPH, volume VIII, p. 174, footnote. A afirmativa é parte do texto intitulado “The Esoteric Character of the Gospels”. Veja também “Secret Doctrine Questions and Answers”, o livro de Geoffrey Barboroka, Wizards Bookshelf, California, USA, p. 100.

Palestra Sobre Passado e Futuro do Movimento

Carlos Cardoso Aveline, associado da Loja Unida de Teosofistas, foi convidado pela loja Jehoshua da ST de Adyar para dar uma palestra pública dia primeiro de novembro. A apresentação foi sobre o tema “**Movimento Teosófico: as Lições do Passado e o Compromisso com o Futuro**”. Aveline estava no Rio Grande do Sul para lançar na Feira do Livro de Porto Alegre a terceira edição ampliada do seu livro “**A Vida Secreta da Natureza**”.[1]

Ao convidar um associado da Loja Unida de Teosofistas para falar com franqueza sobre a história e o futuro do movimento teosófico, a Loja Jehoshua demonstrou que possui horizontes amplos e coragem política. A loja Jehoshua tem preferido estudar a teosofia autêntica, com destaque para as Cartas dos Mahatmas. Não se trata de um fato isolado.

Em Santa Catarina, o grupo de estudos teosóficos da cidade de Florianópolis, ligado à ST de Adyar, também tem demonstrado interesse na teosofia original. Teosofistas e esoteristas de vários estados do país vêm acompanhando o trabalho do website www.filosofiaesoterica.com e do boletim eletrônico “**O Teosofista**”.

NOTA:

[1] “**A Vida Secreta da Natureza - uma introdução à ecologia profunda**”, Carlos Cardoso Aveline, Ed. Bodigaya, terceira edição, revisada e ampliada, Porto Alegre, 2007, 156 pp., www.bodigaya.com.br.

000000000000

A Loja Oculta Reúne as Mentes Sábias

William Q. Judge

[**Sobre a loja ou fraternidade de almas que trabalham pelo bem da humanidade, William Judge escreveu o seguinte:**]

Esta Loja não pode ser agarrada com o alicate da crítica e analisada ou fixada. Ela está ao mesmo tempo em toda parte e em lugar algum. Ela contém dentro de suas fronteiras todos os verdadeiros Mestres, estudantes, guias e Gurus, de qualquer raça ou credo, ou que não têm credo algum. Sobre ela foi dito:

“Além da Sala de Instrução está a Loja. Ela é todo o conjunto dos Sábios no mundo inteiro. Ela não pode ser descrita nem sequer pelos que estão nela, mas o estudante não é proibido de imaginar como ela é.”

Portanto, em qualquer tempo, qualquer um dos seus verdadeiros professores ou discípulos terá prazer em ajudar qualquer outro professor ou discípulo.

(...) Cada homem que decide em si mesmo que entrará no Caminho tem um Guru. Mas o tempo entre aquela decisão e a hora em que ele realmente conhecerá o Mestre pode ser muito longo: em alguns casos, é muito curto.

(...) Agora, aquele que toma a decisão mencionada acima cria deste modo um vínculo que existe na Lei mais elevada. Não é algo a ser encarado desalentadamente, porque as suas consequências são sérias. Não são sérias no sentido de serem desastrosas ou trazerem tormentos e coisas semelhantes, mas são sérias com relação à clareza e ao brilho dos raios de Verdade que nós queremos que cheguem até nós.”

[Do livro “Letters That Have Helped Me”, William Q. Judge, Theosophy Co., Los Angeles, 300 pp., 1946, pp. 43-44.]

Uma Pergunta Sempre Atual: O Que é Impessoalidade e Anonimato?

A política de anonimato e impessoalidade seguida por uma parcela do movimento esotérico moderno merece uma reflexão. Ela ajuda os estudantes a lembrar que quaisquer nomes pessoais pertencem ao mundo das aparências, mas isso não é tudo.

É fácil perceber que algumas das melhores coisas da vida são feitas anonimamente. Os sábios e mestres que foram além do atual estágio humano e permanecem ligados a nós através apenas de laços de Compaixão são completamente anônimos. Os "nomes pessoais" que se pode atribuir a eles são pseudônimos místicos e não nomes reais. Um Mestre escreveu na Carta de 1900: “Nós trabalhamos anônima e silenciosamente ...”.

A proposta original do movimento esotérico implica, pois, um trabalho que é essencialmente anônimo; mas, de qualquer modo, saber o nome de algo ou de alguém não significa muita coisa. Qualquer experiência de comunhão profunda vai além do nível da identificação através de nomes. E mesmo aquilo que hoje parece ser “pessoal” e “nominal” cairá em alguns anos no anonimato, ou no esquecimento.

"Quem sou eu?" – perguntava o sábio indiano Ramana Maharshi. E uma primeira resposta poderia ser: "Não sou um nome, e não há palavras para descrever meu verdadeiro ser".

“Qual era o teu rosto, 100 anos antes de tu nasceres?” pergunta um velho “koan” da tradição zen-budista. A essência não tem nome e não está sujeita às oscilações das marés externas da morte e do renascimento.

Assim como o ar que respiramos e o Oceano de Vida em que navegamos, a sabedoria não tem proprietários. Qualquer nome que se possa atribuir à Sabedoria esconde, mais do que revela, a essência do Ser.

Gautama Buda é anônimo: o relato de sua vida é uma lenda, e a palavra "Buda" significa apenas "o Iluminado". O mesmo pode-se dizer da vida de Jesus Cristo narrada no Novo Testamento: “Cristo” não é o sobrenome de alguém, mas um termo místico. No âmbito

teosofico, a vulgarização de nomes e retratos de Mestres constitui em alguns casos uma falta de respeito para com o Ensino e, em outros, apenas um sinal de falta de conhecimento e bom senso.

O hemisfério cerebral direito, que é espiritual, não trabalha com nomes, imagens antropomórficas ou atributos pessoais. Sempre que alguém fabrica uma visão personalizada de Deus ou de um Mestre, está criando uma divindade à imagem e semelhança do seu próprio desconhecimento da Vida. Tal imagem é uma projeção da sua ingenuidade.

Assim, o que é realmente importante não tem nome audível ou imagem visível. O essencial é imperceptível aos cinco sentidos, e libertar-se dos nomes próprios é um dos primeiros passos para perceber a realidade. De certo modo, o verdadeiro nome de um ser humano não é algo que possa ser pronunciado fisicamente. Nossos nomes registrados em cartórios e documentos são como “pseudônimos” criados por nossos pais, e não servem para dizer quem somos verdadeiramente. Saber quem somos depende de um autoconhecimento mais profundo.

00000000000000000000000000000000

Um Trecho do Antigo “Wen-tzu” Taoísta: A Relação Entre Ética e Equilíbrio Ambiental

Lao-tzu disse:

Nos tempos antigos, quando o Imperador Amarelo governava a terra, ele sintonizava as trajetórias do sol e da lua, dirigia as energias do **yin** e do **yang**, regulava as medidas das quatro estações, corrigia os cálculos do calendário, definia os lugares dos homens e das mulheres, clarificava acima e abaixo, impedia que os fortes abusassem dos fracos, e cuidava para que a maioria não prejudicasse as minorias.

As pessoas viviam suas vidas até o final e não morriam prematuramente, as lavouras amadureciam na época certa e não fracassavam. Os funcionários públicos eram corretos e imparciais, os governantes e os governados estavam em harmonia e não tinham ressentimentos. As leis e as diretrizes eram claras e não obscuras, os ajudantes eram justos e não obsequiosos. Os que cultivavam os campos cediam nos limites, os bens perdidos não eram recolhidos nas estradas, os comerciantes não cobravam demasiado.

Por isso, naqueles tempos o sol, a lua, as estrelas e os planetas não se desviavam dos seus cursos, o vento e a chuva vinham no tempo certo, e as colheitas de cereais eram abundantes. As aves fênix voavam pelos jardins, os unicórnios perambulavam pelo interior.

[Do capítulo 15 da obra “Wen-tzu - A Compreensão dos Mistérios”, ensinamentos de Lao-tzu, tradução do chinês de Thomas Cleary, Ed. Teosófica, 198 pp.]

00000000000000000000000000000000

James Lovelock: o Planeta Terra Funciona Como um Camelo no Deserto

Em seu livro “The Revenge of Gaia” [1], James Lovelock diz que, do ponto de vista de GAIA, as eras glaciais são preferíveis e melhores que os períodos interglaciais, ou temperados. As mudanças climáticas podem ser vistas como catastróficas pelos atuais seres humanos; mas, do ponto de vista da fisiologia planetária, elas são necessárias para que se retome o equilíbrio e se alcance um modo de funcionamento que é mais harmônico e melhor (pp. 38-40).

Para Lovelock, o planeta Gaia funciona fisiologicamente como um camelo. Um camelo pode regular a temperatura do seu corpo para manter uma temperatura durante o dia, quando há muito calor no deserto, e outra temperatura durante a noite, quando há frio. Ao contrário do corpo humano, que regula sua temperatura para que fique sempre em torno de 36 graus e meio, o camelo tem dois pontos de equilíbrio térmico, conforme a situação. Assim como o camelo, diz Lovelock, a Terra alterna o equilíbrio da temperatura. Um modelo de funcionamento e auto-regulação é adotado durante as eras glaciais. Outro modelo é adotado durante as eras inter-glaciais, de clima mais quente.

Segundo Lovelock, não estamos vivendo um “caos climático”, mas sim uma mudança de modo de equilíbrio fisiológico da temperatura do planeta. O gatilho da mudança está vinculado à quantidade de dióxido de carbono na atmosfera. A poluição ambiental e o consumismo da sociedade materialista estão provavelmente puxando o gatilho e detonando a mudança na fisiologia do “camelo” planetário (pp. 20-21).

NOTA:

[1] Primeira edição, 2006. Edição de bolso de Penguin Books, Londres, 2007, 222 pp.

William Q. Judge: Quatro Pensamentos Sobre a Caminhada

- 1) O primeiro passo para ser positivo e auto-centrado é ter satisfação em cumprir o dever. Tente sentir prazer em fazer o que é seu dever, e especialmente nos *pequenos* deveres da vida. Quando estiver cumprindo qualquer dever, ponha toda sua atenção nele.
- 2) Você pode consolidar o seu caráter prestando atenção às pequenas coisas. Atacando as pequenas falhas, e em cada pequena oportunidade, uma por uma. Isso criará uma atitude interna de atenção e cuidado. Com vitória em relação às pequenas falhas e as pequenas ocasiões, o caráter se torna forte.
- 3) Nunca há qualquer motivo para preocupação. A boa lei cuida de todas as coisas, e tudo o que temos que fazer é cumprir o nosso dever tal como ele surge a cada dia.

